

NO ENTREMEIO DE PRÁTICAS CIENTÍFICAS, POLÍTICAS E PEDAGÓGICAS: UMA PROPOSTA DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE GRAMÁTICA

Maristela Cury Sarian¹

Introdução

Este artigo tem como objetivo dar visibilidade a um trabalho sobre o ensino de gramática do português brasileiro, desenvolvido em uma disciplina eletiva denominada “Gramática do Português”, em uma turma de um curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) Carlos Alberto Reyes Maldonado, no segundo semestre letivo de 2018.

Ao nos ancorarmos aos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Materialista, da História das Ideias Linguísticas praticada no Brasil na relação com a Análise de Discurso e com a Semântica Histórica da Enunciação, objetivamos colocar em evidência as condições de produção que sustentaram a elaboração dessa proposta, que se afasta de um ensino de gramática filiado à categorização das formas linguísticas e se alicerça em uma prática desse saber mobilizando o funcionamento da língua.

Como efeito da abertura e manutenção de espaços de interpretação em nossa sala de aula, mostraremos uma atividade extraída do livro didático *Português Linguagens*, do 9º ano, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, um instrumento de ensino instituído no processo de “manualização” dos saberes linguísticos (PUECH, 1998 *apud* SILVA, 2017), “um processo pelo qual esses saberes são expostos e difundidos para fins de transmissão” (SILVA, 2017, p. 209), para o qual foram lançados gestos interpretativos que colocaram em evidência a leitura polêmica deste arquivo.

Para uma resignificação do ensino de gramática na universidade

Iniciamos dando visibilidade à relação que estabelecemos entre as ações desenvolvidas no Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras ofertado na UNEMAT, Câmpus Universitário Jane Vanini, na cidade de Cáceres, que objetiva a formação em serviço de professores efetivos da rede pública que atuam na Educação Básica, e a formação inicial do profissional das Letras em nível de graduação.

Vem do nosso trabalho no Profletras a compreensão de que é possível dar consequência ao processo de constituição da autoria inscrita na história (ORLANDI, 1998) no espaço escolar, à medida que se rompe com os sentidos autoritários de um discurso pedagógico em funcionamento na contemporaneidade e se criam espaços legitimados de interpretação para professores e alunos na instituição escolar, por nós compreendida como um espaço administrado de circulação dos saberes sobre o ensino, produzindo um processo de disputa e de tensão na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos.

¹ Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado – UNEMAT. E-mail: maristelasarian@unemat.br.

No que diz respeito mais especificamente ao ensino de gramática, compreendemos que a gramática pode e deve ser trabalhada, na escola e na universidade. Dessa posição, o “como se ensina” - compreendido enquanto ideologia, e não metodologia (PFEIFFER, 1995), ou seja, o modo de apropriação deste saber sobre a língua pelos sujeitos da escolarização, professores e alunos, produz efeitos sobre “o que se ensina”.

Encontramos, nos trabalhos filiados à Semântica Histórica da Enunciação, a entrada para investirmos em uma proposta que movimentasse as filiações de sentido sobre gramática e seu ensino – de delimitação de categorias morfológicas e da descrição de funções sintáticas, o que Luiz Francisco Dias nomeia como um trabalho sustentado na *organicidade da língua*, para uma prática calcada no *funcionamento das formas linguísticas* (DIAS, 1999; 2000; 2003; 2006; 2010).

Para dar a consequência materialista a essa aposta, dada a nossa filiação à AD, compreendemos, com Pêcheux (2009), que “a língua [em sua autonomia relativa, pois tem sua ordem própria – marcada pela falha, pelo equívoco, pela incompletude] se apresenta como base comum” (PÊCHEUX, 2009, p. 91), “como pré-requisito indispensável a qualquer processo discursivo” (PÊCHEUX, 2009, p. 81).

Dessa forma, nos deslocando do que Orlandi (2000, p. 36-37) chama de “função da gramática” e nos aproximando do que a autora nomeia como o “funcionamento da produção de um saber sobre a língua na relação desta com o sujeito e a sociedade na história”, fomos instadas a colocar em evidência, em nossa sala de aula, a tensa relação entre saber a língua / saber sobre a língua e os meios de sua transmissão.

Trazemos da História das Ideias Linguísticas na relação com a AD aspectos da história da constituição dos saberes sobre a nossa língua e de seu ensino que legitimaram a construção de um saber metalinguístico, materializado em instrumentos linguísticos e de ensino que colocam em circulação “os efeitos políticos das teorias gramaticais”, o “acesso ao conhecimento científico sobre a língua” e a “questão linguística como uma questão científica” (ORLANDI, 2000, p. 33).

Desse modo, com o objetivo de criar condições para que os licenciandos em Letras compreendessem a gramática da língua portuguesa falada no Brasil como um fenômeno educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico e desautomatizar a visão corrente dos fatos de língua e seu ensino, de modo a vislumbrar possibilidades de sua ressignificação, discutimos os modos pelos quais a relação intelectualidade / estado se organiza em nossa sociedade, de modo a compreender como o saber produzido na universidade tem sido transmitido na escola (CHISS; PUECH, 1998; SILVA, 2007), institucionalizado nas políticas públicas de ensino de língua e nos instrumentos linguísticos e de ensino.

Buscando estabelecer relações entre disciplinas cursadas ao longo do curso de Letras em sentido amplo e, em sentido estreito, com as disciplinas de AD; HIL e Semântica, instigamos nossos alunos a estabelecerem uma relação entre a apresentação de livros didáticos dos níveis fundamental e médio², seus respectivos sumários e o modo pelo qual o conteúdo gramatical está significado nas definições apresentadas, nos exemplos mobilizados e nas atividades propostas, com vistas a dar visibilidade aos sentidos de ensino de gramática em

² Os livros didáticos analisados foram utilizados em escolas públicas de Mato Grosso em diferentes distritos e foram selecionados para análise pelos graduandos.

funcionamento, bem como às posições de sujeito projetadas para professores e alunos nos materiais, com base em suas condições de produção, colocando em evidência os efeitos de sentidos produzidos.

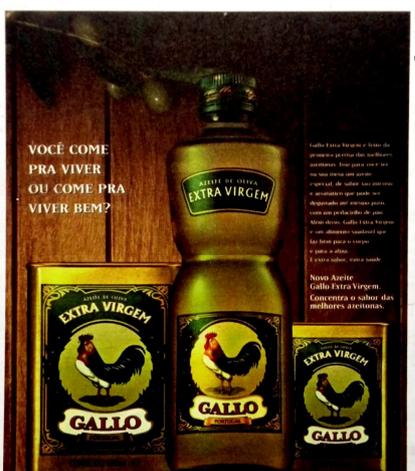
Criamos as condições para que os licenciandos se autorizassem a “ousar se revoltar” e a “pensar por si” (PÊCHEUX, 2009, p. 281), projetando-os no lugar de futuros professores, como forma de desestabilizarmos o modo assimétrico e desigual por meio do qual se materializa a divisão social do trabalho da leitura (PÊCHEUX, 2010) em funcionamento no livro didático, bem como desnaturalizarmos a transparência dos sentidos que circulam como evidentes no ensino de gramática na escola, silenciando sujeitos e impedindo a produção de outros sentidos.

Dada a necessidade de se estabelecer um recorte, daremos visibilidade a uma proposta de problematização de uma atividade do livro didático de Cereja e Magalhães (2009). As atividades comparecem na seção “Semântica e discurso”, que introduz uma série de nove exercícios referentes ao período composto por coordenação. Recortaremos os exercícios 1 e 2, que gravitam em torno de um texto publicitário do azeite Gallo, publicado originalmente na revista *Saúde*³.

Uma proposta de problematização do ensino da gramática na escola

Semântica e discurso

Leia o anúncio a seguir e responda às questões 1 e 2.



Reprodução

(Saúde, nº 265.)

1. Observe o enunciado “Você come pra viver ou come pra viver bem?”, que aparece em destaque no anúncio. A seguir, classifique as orações:
 - a) “Você come” oração coordenada assindética
 - b) “ou come” oração coordenada sindética alternativa
 - c) “pra viver” e “pra viver bem” oração subordinada adverbial final
2. Observe que a conjunção **ou** introduz no enunciado a ideia de opção, de escolha entre o “viver” e o “viver bem”.
 - a) Qual é o sentido da expressão “viver bem” no contexto? *Viver com saúde, e não apenas viver.*
 - b) Que expectativa o anunciante cria em relação às qualidades de seu produto? *O anunciante procura transmitir a ideia de que seu produto é saudável, faz bem à saúde.*

107

³ Não encontramos, no livro didático, referência sobre o ano da publicação deste texto publicitário.

O modo pelo qual a propaganda é mobilizada na elaboração dos exercícios faz funcionar a memória discursiva do emprego do texto como pretexto para o ensino de gramática, materializado em uma proposta de *ensino de gramática através de texto*, em que o “através de’ como meio, a travessia entre o texto e o sujeito [...] é mensagem, é conteúdo” (SILVA, 2017, p. 219), à medida que se extraem formulações de sua superfície para a elaboração de questões, estabelecendo o sentido de que “saber ler para a escola consiste, praticamente sempre, saber extrair informações do texto”. (INDURSKY, 2010, p. 164).

Nesse modo de significar o texto em sua empiria, instaura-se o apagamento da forma material dessa “peça de linguagem” (ORLANDI, 2008), que, enquanto peça publicitária, com especificidades e funcionamentos específicos, “se configura como a forma pela qual o consumo se diz, ao mesmo tempo em que o conforma em seu funcionamento”. (CARROZZA, 2010, XI).

A propaganda do azeite Gallo se textualiza por meio de diferentes materialidades significantes contraditoriamente imbricadas (LAGAZZI, 2017), que “determinam diferenças nos processos de significação” (ORLANDI, 2004, p. 17): grafia, letra, imagem e cor se costuram e produzem um *efeito-texto*, “um espaço simbolicamente fechado e ilusoriamente completo” (ORLANDI, 2008, p. 70), que, no caso específico desta propaganda, é posta a circular no espaço textual de uma revista de divulgação científica, a revista *Saúde*, produzida numa sociedade marcada pela injunção ao consumo, como a capitalista brasileira.

Como efeito de um discurso autoritário em funcionamento na textualização dos exercícios desse livro didático, que apaga o funcionamento da língua - e falar em funcionamento demanda mobilizar a compreensão de “texto como forma material, como textualidade, manifestação material concreta do discurso, sendo este tomado como lugar de observação dos efeitos da inscrição da língua sujeita a equívoco na história” (ORLANDI, 2008, p. 78), a formulação das questões engendra um processo de administração dos sujeitos e dos sentidos e atualiza o funcionamento de uma memória discursiva que produz o sentido evidente de gramática normativa como um conjunto estabilizado de regras produzido em certo momento da história, significado como um *modelo* que *deve* ser seguido. Um sentido que põe em funcionamento a compreensão de gramática como instrumento de cultivo e preservação de valores, bem como de arte de ler e escrever (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006); sentidos que funcionam na tensa e contraditória relação entre língua fluida / língua imaginária. (ORLANDI, 2009).

Ancorados na compreensão de que “a materialidade do discurso faz efeito na textualização” (ORLANDI, 2008, p. 113) e “cada texto tem os vestígios da forma como a política do dizer inscreveu a memória no interior da sua formulação” (Ibidem, p. 111), os alunos da graduação foram instados a dar um novo sentido ao dito e visibilidade ao não-dito. Assim, problematizaram, junto a seus colegas de turma, a relação inequívoca entre alimentação saudável e consumo do azeite Gallo, projetada no batimento das formulações “Você come pra viver ou come pra viver bem?”.

Sustentados na compreensão de que “o espaço de interpretação no texto materializa o político, projetando diferentes formações discursivas que se apresentam nessa partição do texto” (ORLANDI, 2008, p. 115), os licenciandos em Letras colocaram em discussão a discursividade dessas formulações em

funcionamento nessa propaganda, nas quais ressoam as “disjunções e categorizações lógicas” (PÊCHEUX, 2008, p. 34) engendradas pelo funcionamento da conjunção *ou* – “Você come pra viver *ou* come pra viver bem”, que “repousam, em seu funcionamento discursivo interno, sobre uma proibição de interpretação, implicando no uso regulado de proposições lógicas (Verdadeiro ou Falso) com interrogações disjuntivas (“o estado de coisas é A ou não-A?”) (Ibidem, p. 31). Uma regulação materializada na formulação da questão 2, na qual reverbera o sentido dado às orações coordenadas sindéticas alternativas proposto pelos autores do LD, como aquelas que “expressam fatos ou conceitos que se *excluem* ou se *alternam*”. (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p. 104, grifo nosso).

Mobilizamos as especificidades da discursividade do texto publicitário, que, segundo Carozza (2010), projeta uma posição de sujeito “já individualizado e identificado ‘como o consumidor esperado’” (Ibidem, p.19), de modo que, ainda de acordo com o autor, na posição de usuário da marca, o sujeito estabelece sua relação de pertencimento social, efeito do funcionamento do consumo como mecanismo de identificação social, ancorado no imaginário que se constitui sobre determinadas marcas e produtos, que, no caso em tela, é um azeite extravirgem que circula em uma revista cujo título é *Saúde*.

Dentre os gestos de interpretação produzidos por nossos alunos, destacamos a produção de paráfrases e os efeitos produzidos a partir das formulações “Você come pra viver ou come pra viver bem?”, em que temos, a partir de “Você come pra viver bem”, as produções “Você come bem”, “Você come de forma saudável”, “Você come azeite extravirgem Gallo” e, com base em “Você come pra viver”, foram formuladas “Você come mal”, “Você come pra sobreviver” e “Você não come azeite extravirgem Gallo”.

Sentidos que se engendam e se ancoram em regiões do interdiscurso que determinam o que pode e deve ser dito sobre *saúde* e *doença*, estabelecendo uma relação direta entre alimentação saudável e consumo do azeite extravirgem Gallo, silenciando, dentre outros sentidos possíveis, tipos e marcas de azeite de oliva e de óleos vegetais, a quantidade diária e o modo de consumo. Como efeito desse apagamento, circula como um sentido dominante o desejo do sujeito “voluntariamente” se expor aos supostos “malefícios” causados à saúde “diretamente” provocados pelo consumo de azeites de marcas distintas e outros tipos de óleos, na evidência de que consumir um determinado produto independe das condições materiais de existência do sujeito na posição de consumidor, o que “mascara [nas relações de consumo] a existência das relações de classes” (PÊCHEUX, 2011, p. 86).

Considerações finais

Acreditamos que a proposta da disciplina, embora realizada na graduação durante um semestre letivo, buscou romper com a reprodução de um saber dominante para o ensino de gramática em livros didáticos à luz do batimento *forma – sentido*. Oportunizamos, desta forma, as condições para se irromper sentidos outros sobre a gramática da nossa língua e seu ensino, instituindo, em nossa sala de aula, um espaço em que a *sintaxe* se relacionou com a *semântica* e o *discurso*.

REFERÊNCIAS

- CARROZZA, Newton Guilherme Vale. *Publicidade: o consumo e sua língua*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português linguagens 9º ano*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- CHISS, J.L.; PUECH, C. De l'émergence disciplinaire à la didactisation des savoirs linguistiques: le tournant des années 60 et ses suites. *Langue Française*, v. 117, n. 1, p.6-21, 1998. Disponível em: <http://www.persee.fr>. Acesso em: 23 abr. 2012.
- DIAS, L. F. O ensino de sintaxe em livros didáticos. In: Maria Auxiliadora Ferreira Lima; Francisco Alves Filho; Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa. (orgs.). *Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino*. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 187-204.
- DIAS, L. F. Novas perspectivas no ensino de gramática na escola: o estatuto do exemplo em questão. In: Sheila Elias de Oliveira; Josalba Fabiana dos Santos. (org.). *Mosaico de linguagens*. Campinas: Pontes/Cellip, 2006, p. 43-53.
- DIAS, L. F. A sintaxe em novas dimensões. In: Claudia Stumpf Toldo (org.). *Questões de linguística*. Passo Fundo: UPF Editora, 2003. p. 57-69.
- DIAS, L. F. Gramática e ensino do português: abrindo horizontes. In: Maria Denilda Moura (org.). *Língua e ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: Editora da UFAL, 2000. p. 21-28.
- DIAS, L. F. Gramática e discurso no ensino do português: novos desafios na formação do professor de língua materna. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos, v. 1, n.1, p. 25-30, 1999.
- INDURSKY, F. Estudos da linguagem: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda V. (org.) *Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas*. Campinas: Mercado de letras, 2010. p. 163-178.
- LAGAZZI, S. Trajetos do sujeito na composição fílmica. In: FLORES, G.; GALLO, S; LAGAZZI, S; NECKEL, N; PFEIFFER, C; ZOPPI-FONTANA, M. (org.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2017. p. 23-39. v.3.
- ORLANDI, E. P. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e o ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, E. P. Metalinguagem e gramatização no Brasil: gramática-filologia-linguística. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 8, p. 29-39, 2000. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/348/357>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Rua*, Campinas, n. 4, p.9-19, 1998.
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. O conhecimento sobre a linguagem. In: PFEIFFER, C.C.; NUNES, J.H. (org.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006. p. 141-157. v. 2.
- PÊCHEUX, M. Foi “propaganda” mesmo o que você disse? In: ORLANDI, E. P. (org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, 2011.p. 72-92.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 49-59.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 5.ed. Tradução de Eni P. Orlandi. Pontes: Campinas, 2008.



PÊCHEUX, M; GADET, F. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

PFEIFFER, C. R. C. *Que autor é este?* 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

SILVA, M. V. da. Manuais escolares e saberes linguísticos. Boletim de la sociedad española de historiografía lingüística - *BSEHL*, n. 11, p. 209-224, 2017.

SILVA, M. V. da. A escolarização da língua nacional. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Política lingüística no Brasil*. Campinas: Pontes, 2007. p.141-161.